

**TRADUÇÃO:
REESCRITURA E RELEITURA NA PRÁTICA LITERÁRIA²⁵⁶**

Deise Quintiliano Pereira (UERJ)
deisequintiliano@uol.com.br

RESUMO

Proposta de tradução de fragmentos do romance de Georges Bernanos, *Diário de um Pároco do Interior*, a partir de estratégias centradas no processo de atribuição de papéis dos sujeitos envolvidos na experimentação tradutória. Comentários teóricos sobre as escolhas efetuadas na tradução, com vistas a promover a passagem do texto em “língua de partida” para o texto em “língua de chegada”.

Palavras-chave:

Tradução. Diálogo intercultural. Língua de partida. Língua de chegada.

1. Introdução

No âmbito das investigações linguísticas, um significativo espaço tem sido designado à tradutologia, o que lhe permite constituir-se num objeto de estudo inserido no vasto espectro de abordagem ao qual se dedica a análise do discurso. Nas décadas de 1980 e 1990, o campo da tradução atinge a maioria e, constituindo-se numa disciplina que se pretende integradora, torna-se uma área de conhecimento independente.

A evolução da tradutologia, assim como os avanços da pesquisa linguística e da crítica textual, lançam luz sobre diversas possibilidades de modos de dizer, associadas a um desejo de agir sobre o interlocutor, o que acentua uma vertente pragmática de investigação dos processos tradutórios. Michel Ballard (1990, p. 11), chama a atenção para a existência de dois tecidos de linguagem diferentes que “mediatizam” o “querer-dizer” do autor e o desejo de reenunciação do tradutor. Ele ressalta, além disso, a importância da criatividade no trabalho de tradução.

O pressuposto necessário da tradução é, pois, a originalidade. Visto que cada tradução representa de um certo modo uma invenção (PAZ, 1980, p. 9), ela implica a criação de um texto único, que contém a mensagem original reproduzida numa outra língua – língua de chegada. Esse

²⁵⁶ Uma versão deste trabalho foi apresentada no Congresso Internacional “Português – Língua do Mundo”, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na primeira semana de novembro de 2014.

dinamismo presente na tradução é suscetível, então, de ser resumido por intermédio da seguinte fórmula:

DECODIFICAR + RECODIFICAR = TRANSCODIFICAR

a mensagem contida na língua de partida.

Os estudos que privilegiam as relações entre língua e cultura, entretanto, definem a tradução como “transferência” cultural e não linguística e o processo tradutório como um ato de comunicação, e não de simples transcodificação. O texto traduzido será concebido, nessa perspectiva, como parte integrante do mundo e não como um espécime isolado da linguagem (MONTE, 1998, p. 1). Mas, ainda neste caso, o sentimento estético do artista deve nortear toda a recriação.

2. Tradução: inscrição histórica do sujeito

Entre outras finalidades, a tradução, objetiva a recriação de uma solidariedade entre a palavra e a sonoridade, buscando oferecer um texto tão denso de emoções quanto o original.

A representação da oralidade da linguagem revela-se um problema a ser vencido por estratégias específicas adotadas pelo tradutor. A preservação da relação oral/escrito, recolhida em sua fonte (língua de partida), constitui-se, assim, na condição fundamental para o sucesso da tradução.

Uma visão mais tradicionalista dos processos tradutórios eleva o texto de partida a um nível superior ao do texto de chegada: ele é a obra “estável”, objeto histórico – sujeito às diversas interpretações de cada época – e polissêmico – pois permite a arbitrariedade interpretativa de cada leitor. Destarte, a tradução referenda-se como um meta-texto, produto de uma leitura feita num dado momento, por um indivíduo inscrito na sua própria historicidade, por intermédio de relações culturais e linguísticas que o definem.

Segundo Monte (MONTE, 1998, p. 2), no exercício da tradução, é necessário um conhecimento mais detalhado daquilo que subjaz ao ato comunicativo, situando-se nas suas entrelinhas socioculturais, no nível do discurso, do contexto e da situação dos participantes envolvidos nessa forma de interação entre culturas.

O texto de partida, contudo, afirma Danielle Jacquin (*apud* BALLARD, 1990, p. 65), sempre pronto a ser lido, é também sempre sujeito a ser traduzido e o distanciamento do texto original, sempre sujeito a ser revisitado. A tradução é então hermenêutica no sentido mais originário, um eterno e possível plural, incansavelmente a ser refeita.

3. *A singularidade da tradução*

Cada texto possui particularidades que o tornam singular. Através da resolução de conflitos, a tradução tem por objetivo extrair uma unidade nova, recriar um novo elo entre palavras e sons, pois nenhuma tradução responde aos mesmos objetivos, nem se sustenta sobre as mesmas escolhas ou bases de trabalho.

Ainda de acordo com Jacquin, as línguas diferem e interpretam, cada uma a seu modo, o dado extralinguístico. O tradutor deve conhecer as particularidades dos idiomas com os quais ele trabalha, sem sentir-se, contudo, prisioneiro do código por intermédio do qual ele retranscreverá o texto de partida. No caso particular do texto autobiográfico, dos diários e das cartas, em que a subjetividade do autor predomina, o tradutor, seguramente, deter-se-á diante de um sem-número de opções, suscetíveis de reatualizarem a mensagem proposta no texto de partida.

A questão não é muito simples, pois o tradutor deverá, neste caso, além de possuir pleno domínio dos códigos (língua de partida e de chegada), ser dotado de uma capacidade de oscilação entre os vários níveis (registros) da língua.

Esse processo de busca recriativa solidária é passível de produzir ambiguidades, e o conceito de ambiguidade, segundo Ballard (1990, p. 18), é fundamental para a tradução, porque se encontra inexoravelmente ligado às noções de "querer-dizer", de interpretação dos signos, de "non-sens", mas também de profundidade da linguagem.

Visando à superação deste impasse, ele propõe a aplicação de uma conduta científico-pedagógica nos processos tradutórios. O estudo da tradução revela é como esta atividade repousa sobre um diálogo que seria escrito em duas línguas diferentes. Em se tratando de um diário, o autor tem uma liberdade maior para proceder a escolhas lexicais e/ou semânticas de ordem vária. No que tange à descoberta de "soluções tradutórias", é por esta razão que propomos, como corpus a ser discutido, fragmentos do romance de Georges Bernanos, *Diário de um Pároco do Interior*, on-

de, no confronto com outras obras literárias, suas palavras, mais significativamente, acham-se “em liberdade”.

A tradução nos permite partilhar as alegrias e angústias de nossos semelhantes, ajudando-nos a adquirir consciência da igualdade pela diferença, fazendo de nosso planeta uma verdadeira casa onde mora o ser. Através deste processo interativo autor-texto-tradutor, nossos horizontes se ampliam, nossas experiências se multiplicam.

O texto em questão – de grande expressão nas letras francesas – converge para questões de ordem religiosa, fundamentando a posição do personagem narrador, o pároco, em pressupostos do catolicismo cristão. Pelo viés da perspectiva de Bernanos, traz-se à cena um prazeroso diálogo entre literatura e religião – filão inesgotável para escritores com formação teológica.

Do ponto de vista metodológico, através da forma “diário”, colocaremos em prática certas técnicas de tradução, visando respeitar a intenção e emoção do escritor. Tentaremos, também, manter a oscilação entre os níveis formal (uma vez que se trata de um texto literário com conotação religiosa), informal (pois este texto literário é ao mesmo tempo um diário), que o autor construiu de modo ficcional.

4. O contrato ficcional

Na produção ficcional, observamos que a relação intrínseca estabelecida entre o fazer produtivo do autor (o que se espera quando se escreve um romance? a que tipo de público se destina?) e o fazer interpretativo leitor (que referências podem ser articuladas a partir do modelo literário proposto? em que enquadre situacional?) norteiam o contrato literário. A interpretação, decorrente de uma dupla competência — discursiva e situacional, constrói relações intertextuais, permitindo ao leitor-interpretante a identificação do gênero literário do texto proposto, a partir do confronto com outros textos representativos do mesmo gênero.

No diário autobiográfico, o contrato de ficção convida o leitor-tradutor a assumir a posição de destinatário-cúmplice, visto que ele é levado a partilhar as mesmas emoções, alegrias ou desventuras disseminadas no texto em língua original pelo escritor/comunicante. Tal contrato reflete-se numa estratégia discursiva suscetível de recuperar a fluência e a espontaneidade com a qual Bernanos presenteia o leitor do texto em língua de tradução.

Em suma, traduzir significa emocionar-se, revelando o caráter universal que reside em cada indivíduo, auxiliados por teorias da tradução. O milagre da tradução povoa a solidão humana.

Journal d'un Curé de Campagne

Georges Bernanos

Ma paroisse est une paroisse comme les autres. Toutes les paroisses se ressemblent. Les paroisses d'aujourd'hui, naturellement. Je le disais hier à M. le curé de Norenfontes: le bien et le mal doivent s'y faire équilibre, seulement le centre de gravité est placé bas, très bas. Ou, si vous aimez mieux, l'un et l'autre s'y superposent sans se mêler, comme deux liquides de densité différente. M. le curé m'a ri au nez [...].

Ma paroisse est dévorée par l'ennui, voilà le mot. Comme tant d'autres paroisses! L'ennui les dévore sous nos yeux et nous n'y pouvons rien. Quelque jour peut-être la contagion nous gagnera, nous découvrirons en nous ce cancer. On peut vivre très longtemps avec ça.

L'idée m'est venu hier sur la route. Il tombait une de ces pluies fines qu'on avale à pleins poumons, qui vous descendent jusqu'au ventre. De la côte de Saint-Vaast, le village m'est apparu brusquement, si tassé, si misérable sous le ciel hideux de novembre. L'eau fumait sur lui de toutes parts, et il avait l'air de s'être couché là, dans l'herbe ruisselante, comme une pauvre bête épuisée. Que c'est petit, un village! Et ce village était ma paroisse, mais je ne pouvais rien pour elle, je la regardais tristement s'enfoncer dans la nuit, disparaître [...] quelques moments encore, et je ne la verrais plus. Jamais je n'avais senti si cruellement sa solitude et la mienne. [...] il semblait attendre aussi – sans grand espoir – après tant d'autres nuits passées dans la boue, un maître à suivre vers quelque improbable, quelque inimaginable asile[...].

Je me disais donc que le monde est dévoré par l'ennui. Naturellement, il faut un peu réfléchir pour se rendre compte, ça ne se saisit pas tout de suite. C'est une espèce de poussière. Vous allez et venez sans la voir, vous la respirez, vous la mangez, vous la buvez, et elle est si fine, si ténue qu'elle ne craque même pas sous la dent. Mais que vous vous arrêtiez une seconde, la voilà qui recouvre votre visage, vos mains. Vous devez vous agiter sans cesse pour secouer cette pluie de cendres. Alors, le monde s'agite beaucoup [...].

Un peuple de chrétiens n'est pas un peuple de saintes-nitouches. L'Église a les nerfs solides, le péché ne lui fait pas peur, au contraire. Elle le regarde en face, tranquillement, et même, à l'exemple de Notre-Seigneur, elle prend à son compte, elle l'assume. [...] Tiens, je vais te définir un peuple chrétien, c'est un peuple triste, un peuple de vieux. [...] D'où vient que le temps de notre petite enfance nous apparaît si doux, si rayonnant? Un gosse a des peines comme tout le monde, et il est, en somme, si désarmé contre la douleur, la maladie! L'enfance et l'extrême vieillesse devraient être les deux grandes épreuves de l'homme. Mais c'est du sentiment de sa propre impuissance que l'enfant tire humblement le principe même de sa joie. Il s'en rapporte à sa mère, comprends-tu? Présent, passé, avenir, toute sa vie, la vie entière tient dans un re-

gard, et ce regard est un sourire. Hé bien, mon garçon, si l'on nous avait laissés faire, nous autres, l'Église eût donné aux hommes cette espèce de sécurité souveraine. Retiens que chacun n'en aurait pas moins eu sa part d'embêtements. La faim, la soif, la pauvreté, la jalousie, nous ne serons jamais assez forts pour mettre le diable dans notre poche, tu penses! Mais l'homme se serait su le fils de Dieu, voilà le miracle! [...] l'Église a été chargée par le bon Dieu de maintenir dans le monde cet esprit d'enfance, cette ingénuité, cette fraîcheur [...].

Je suis sérieusement malade. J'en ai eu hier la certitude soudaine et comme l'illumination. [...] Voilà juste six mois que j'ai ressenti les premières atteintes de ce mal, et je me souviens à peine de ces jours où je mangeais et buvais comme tout le monde [...].

Comme nous savons peu ce qu'est réellement une vie humaine! La nôtre. Nous juger sur ce que nous appelons nos actes est peut-être aussi vain que de nous juger sur nos rêves. Dieu choisit, selon la justice, parmi ce tas de choses obscures, et celle qu'il élève vers le Père dans le geste de l'ostension, éclate tout à coup, respandit comme un soleil [...].

Comme il est difficile de ne mécontenter personne! Et quoi qu'on fasse, les gens paraissent moins disposés à utiliser les bonnes volontés qu'inconsciemment désireux de les opposer les unes aux autres. D'où vient l'incompréhensible stérilité de tant d'âmes?

Certes, l'homme est partout l'ennemi de lui-même, son secret et surnois ennemi. Le mal jeté n'importe où germe presque sûrement [...].

Nous nous faisons généralement de la prière une si absurde idée! Comment ceux qui ne la connaissent guère – peu ou pas – osent-ils en parler avec tant de légèreté? Un trapiste, un chartreux travaillera des années pour devenir un homme de prière, et le premier étourdi venu prétendra juger de l'effort de toute une vie! si la prière était réellement ce qu'ils pensent, une sorte de bavardage, le dialogue d'un maniaque avec son ombre, ou moins encore – une vaine et superstitieuse requête en vue d'obtenir les biens de ce monde – serait-il croyable que des milliers d'êtres y trouvaient jusqu'à leur dernier jour, je ne dis pas même tant de douceurs – ils se méfient des consolations sensibles – mais une dure, forte et plénière joie! Oh! sans doute, les savants parlent de suggestion. C'est qu'ils n'ont sûrement jamais vu de ces vieux moines, si réfléchis, si sages, au jugement inflexible, et pourtant tout rayonnants d'entendement et de compassion, d'une humanité si tendre. Par quel miracle ces demi-fous, prisonniers d'un rêve, ces dormeurs éveillés semblent-ils entrer plus avant chaque jour dans l'intelligence des misères d'autrui? Étrange rêve, singulier opium qui, loin de replier l'individu sur lui-même, de l'isoler de ses semblables, le fait solidaire de tous, dans l'esprit de l'universelle charité!

L'enfer [...] c'est de ne plus aimer. Ne plus aimer signifie pour un homme vivant aimer moins, ou aimer ailleurs. Et si cette faculté qui nous paraît inséparable de notre être, notre être même – comprendre est encore une façon d'aimer – pouvait disparaître pourtant? Ne plus aimer, ne plus comprendre, vivre quand même, ô prodige! L'erreur commune à tous est d'attribuer à ces créatures abandonnées quelque chose encore de nous, de notre perpétuelle mobilité alors qu'elles sont hors du temps, hors du mouvement, fixées pour tou-

jours. [...] L'enfer, c'est de ne plus aimer. Tant que nous sommes en vie, nous pouvons nous faire illusion, croire que nous aimons par nos propres forces, que nous aimons hors Dieu. Mais nous ressemblons à des fous qui tendent les bras vers le reflet de la lune dans l'eau [...].

Et la Sainte Vierge, est-ce que tu pries la Sainte Vierge? [...] la pries-tu comme il faut, la pries-tu bien? Elle est notre mère, c'est entendu. Elle est la mère du genre humain, la nouvelle Ève. Mais elle est aussi sa fille. L'ancien monde, le douloureux monde, le monde d'avant la Grâce l'a bercée longtemps sur son cœur désolé – des siècles et des siècles – dans l'attente obscure, incompréhensible d'une virgo genitrix [...]. Des siècles et des siècles, il a protégé de ses vieilles mains chargées de crimes, ses lourdes mains, la petite fille merveilleuse dont il ne savait même pas le nom. Une petite fille, cette reine des Anges! Et elle l'est restée, ne l'oublie pas! Le moyen âge avait bien compris ça, le moyen âge a compris tout [...] la Sainte Vierge n'a eu ni triomphe, ni miracles. Son fils n'a pas permis que la gloire humaine l'effleurât, même du plus fin bout de sa grande aile sauvage. Personne n'a vécu, n'a souffert, n'est mort aussi simplement et dans une ignorance aussi profonde de sa propre dignité, d'une dignité qui la met pourtant au-dessous des Anges. [...] Certes, notre pauvre espèce ne vaut pas cher, mais l'enfance émeut toujours ses entrailles, l'ignorance des petits lui fait baisser les yeux – ses yeux qui savent le bien et le mal, ses yeux qui ont vu tant de choses! Mais ce n'est que l'ignorance, après tout. La vierge était l'innocence. [...] le regard de la Vierge est le seul regard vraiment enfantin, le seul vrai regard d'enfant qui ne soit jamais levé sur notre honte et notre malheur.

Diário de um pároco do interior

*Georges Bernanos*²⁵⁷

Minha paróquia é uma paróquia como as outras. Todas as paróquias se parecem. As paróquias de hoje, naturalmente. Eu dizia ontem ao pároco de Norenfontes: nelas, o bem e o mal devem estar em equilíbrio²⁵⁸, só que o centro de gravidade fica embaixo, bem embaixo. Ou, se preferirem, um e outro se sobrepõem sem se misturar, como dois líquidos de densidade diferente. O pá-

²⁵⁷ O termo "interior" parece traduzir, em português, a ideia que "campagne" evoca em francês. Chega-se a esta conclusão a partir da oposição evidente entre "ville x campagne", que equivale a "cidade x interior". No momento em que o romance foi elaborado, o termo "interior" associava-se intimamente à falta de certas condições: hospitais, lojas, centros administrativos etc. que uma cidade, de forma contrária, seria capaz de oferecer a seus habitantes.

²⁵⁸ Traduzir a expressão "s'y faire équilibre" por "manter o equilíbrio" evocaria uma ideia pouco precisa da equivalência de equilíbrio que existe entre o bem e o mal. Por esta razão, adotamos como solução "estar em equilíbrio".

roco riu na minha cara [...] ²⁵⁹.

Minha paróquia está sendo devorada pelo tédio ²⁶⁰, esta é a palavra exata. Como tantas outras paróquias! o tédio as devora bem debaixo do nosso nariz e nada podemos fazer. Talvez o contágio nos atinja qualquer dia desses, e descubramos em nós este câncer. Pode-se viver muito tempo assim.

Eu tive essa ideia ontem, no caminho ²⁶¹. Caía uma dessas chuvas fininhas que somos forçados a engolir ²⁶² e que escorre até nossa barriga. Da colina de Saint-Vaast, subitamente o povoado apareceu-me tão diminuto, tão insignificante sob o céu repugnante de novembro. Exatamente sobre ele, uma névoa úmida ²⁶³ espalhava-se por toda a parte e ele parecia ter-se deitado lá, na relva banhada, como um pobre animal extenuado. Como é pequeno um povoado! E este povoado era a minha paróquia. Era a minha paróquia, mas eu nada podia fazer por ela, olhava-a tristemente penetrar na noite, desaparecer... Mais alguns instantes e eu não mais a veria. Nunca havia sentido tão cruelmente sua solidão e a minha [...] parecia também esperar – sem muita ilusão – depois de tantas outras noites passadas na lama, um dono a seguir em direção a algum improvável, algum inimaginável refúgio.

Eu me dizia então que o mundo está sendo devorado pelo tédio. Naturalmente, é preciso refletir um pouco para se aperceber disso, não se chega a esta conclusão de imediato. É uma espécie de poeira. A gente ²⁶⁴ anda de um lado para o outro sem vê-la, a gente respira, come, bebe, e ela é tão fina, tão tênue que não estala nem mesmo entre os dentes. Mas se pararmos um segundo, novamente ela nos recobre o rosto e as mãos. Devemos nos agitar incessantemente para sacudir esta chuva de cinzas. Então, o mundo se agita muito[...].

²⁵⁹ A expressão "rir na cara" denota o conteúdo de "rir au nez". Não obstante a parte do corpo ser diferente (cara x nariz) nas duas línguas em questão, o objeto verbal escolhido faz equivaler as mesmas sensações.

²⁶⁰ Falta à tradução da estrutura passiva francesa "est dévorée" por "é devorada" um pouco da ênfase que a ação de duração temporal requer. A forma progressiva "está sendo devorada" reforça o enfoque de uma ação em pleno desenvolvimento.

²⁶¹ Embora a expressão "sur la route", no contexto apresentado, possa ser traduzida por "na estrada", esta opção reduz a ideia de movimento existente em "no caminho". É preciso ressaltar o alcance mais amplo, mais extenso contido na segunda opção.

²⁶² A expressão "à pleins poumons" fornece como tradução literal a expressão equivalente: "a plenos pulmões", indicando uma ação que se realiza de modo súbito. Este termo, entretanto, encontra-se quase fora de uso nos dias atuais, aplicando-se, exclusivamente, à ideia contida num canto intenso ou num grito.

²⁶³ A expressão "névoa úmida" remete a uma bruma formada a partir da evaporação da água aquecida pelo contato com o sol, que resplandecia exatamente sobre o povoado.

²⁶⁴ A expressão "a gente", além de designar de forma mais genérica o sujeito da ação verbal, respeitando a função que o pronome "vous" exerce nesta frase, fornece exatamente o meio termo necessário para caracterizar o discurso do pároco, que às vezes assume uma tonalidade menos formal, por tratar-se de um vocabulário empregado num diário.

Uma multidão de cristãos²⁶⁵ não é uma multidão cheia de não me toques. A igreja tem nervos sólidos, o pecado não a amedronta, muito pelo contrário. Ela o enfrenta tranquilamente, e até mesmo, seguindo o exemplo de Nosso Senhor, o adota, o assume [...]. Veja bem, eu vou definir um povo cristão pelo seu oposto. O contrário de um povo cristão é um povo triste, um povo velho [...] por que será que a época da nossa primeira infância nos parece tão agradável, tão esplendorosa? Uma criança tem problemas como todo mundo, e ela é, além disso, tão vulnerável à dor e às doenças! A infância e a extrema velhice deveriam ser as duas grandes provas do homem. Mas é do sentimento de sua própria impotência que a criança tira humildemente o princípio de sua alegria. Ela se entrega à sua mãe, entende? Presente, passado, futuro, toda sua vida, sua vida inteira cabe num olhar, e este olhar é um sorriso. Pois bem, meu filho, se nos tivéssemos deixado agir, a todos nós, a Igreja teria dado aos homens uma espécie de segurança soberana. Pode acreditar que ninguém teria tido sua parcela de aborrecimentos diminuída. Fome, sede, pobreza, inveja, nunca seremos suficientemente fortes para vencer o diabo, esta é a verdade! Mas parece que o homem soube que era filho de Deus, eis o milagre! [...] A Igreja foi incumbida pelo bom Deus de manter no mundo este espírito infantil, esta ingenuidade, este frescor [...].

Estou gravemente doente. Tive ontem subitamente esta certeza em forma de revelação²⁶⁶. Há exatamente seis meses os primeiros sintomas se manifestaram. Mal consigo me lembrar daqueles dias em que eu comia e bebia como todo mundo [...].

Como sabemos pouco o que representa realmente uma vida humana! A nossa. Julgar-nos pelo que chamamos nossos atos talvez seja tão útil quanto nos julgar pelos nossos sonhos. Deus escolhe, de acordo com sua justiça, dentre um amontoado de coisas obscuras, e aquela que eleva para o Pai no gesto da ostentação, brilha imediatamente, resplandece como o sol [...].

Como é difícil agradar a todo mundo! E por mais que se faça, as pessoas parecem menos dispostas a utilizar as boas intenções que inconscientemente desejosas de opô-las entre si²⁶⁷. Qual será a origem da incompreensível esterilidade de tantas almas?

Na verdade, o homem é em toda parte inimigo de si mesmo, seu secreto e sorrateiro inimigo. O mal jogado em qualquer lugar brota quase sempre.

²⁶⁵ A expressão "un peuple de" é muito raramente traduzida pelo seu equivalente literal "povo". O contexto mostra que se trata de um "amontoado ou ajuntamento de pessoas". Entretanto, essas expressões possuem uma conotação pejorativa que não aparece no texto. Por esta razão, "multidão" parece melhor traduzir a ideia contida na língua francesa.

²⁶⁶ O termo "revelação" indica, do ponto de vista religioso, "a manifestação de um mistério ou revelação de uma verdade por Deus ou por um homem inspirado por Deus" (LAROUSSE, 1980, p.878). Além disso, está intimamente associado à ideia de um esclarecimento interior, dado por uma luz. Será justamente a "iluminação" que conduzirá à revelação da doença.

²⁶⁷ A ideia de opor "umas às outras" (as boas intenções) implica o estabelecimento de uma oposição entre essas coisas mesmas. É por isso que optamos pela tradução "opô-las entre si".

Geralmente temos da oração uma ideia tão absurda! Como os que quase não a conhecem – ou pouco ou nada – atrevem-se a falar a seu respeito com tanta leviandade? Um trapista²⁶⁸, um cartuxo²⁶⁹, trabalhará anos a fio para se tornar um homem em contínua oração, e o primeiro tolo que surgir pretenderá julgar o esforço de toda uma vida! Se a oração fosse o que realmente se pensa, uma espécie de tagarelice, o diálogo de um maníaco com sua sombra, ou menos ainda – uma vã e supersticiosa súplica na intenção de se obter todos os bens desse mundo – seria possível acreditar que milhares de seres encontrassem nela até o último dia de suas vidas, não digo tanto facilidades – eles desconfiam das consolações sensíveis – mas um sólido, forte e pleno contentamento! ah! é claro, os cientistas falam de sugestão. É porque eles certamente nunca viram esses velhos monges tão circunspectos, tão sábios, de julgamento inflexível, e entretanto tão ávidos de entendimento e de compaixão, de uma humanidade tão terna. Por que milagre esses semiloucos, prisioneiros de um sonho, esses sonâmbulos parecem penetrar cada dia mais fundo na inteligência das misérias alheias? Estranho sonho, ópio singular que longe de fazer com que o indivíduo se volte para si mesmo, de isolá-lo de seus semelhantes, o torna solidário com todos no espírito da caridade universal!

O inferno [...] é não mais amar. Não mais amar significa para um homem vivo amar menos, ou amar em outra parte. E se esta faculdade que nos parece inseparável do nosso ser, nosso ser mesmo – compreender é também uma forma de amar – pudesse entretanto desaparecer? Não mais amar, não mais compreender, e viver mesmo assim, ó prodígio! O erro comum a todos é atribuir a estas criaturas abandonadas alguma coisa a mais de nós, de nossa perpétua mobilidade ao passo que elas estão fora do tempo, sem movimento, presas para todo o sempre[...]. O inferno é não mais amar. Enquanto vivemos podemos nos iludir, acreditar que amamos por nossas próprias forças, que amamos fora de Deus²⁷⁰. Mas parecemos loucos estendendo os braços em direção ao reflexo da lua na água [...].

E a Virgem Santíssima, você reza pela Virgem Santíssima? [...]Você reza por ela como se deve? Você reza bem por ela? É claro que ela é nossa mãe. É a mãe da espécie humana, a nova Eva. Mas é também sua filha. O velho mundo, o mundo doloroso, o mundo de antes da graça embalou-a muito tempo no seu coração desolado – por séculos e séculos – na espera obscura, incompreensível de uma "virgo genitrix"²⁷¹ [...] Por séculos e séculos ele protegeu com suas mãos carregadas de crimes, suas pesadas mãos, a maravilhosa menina cujo nome desconhecia. Uma menina, esta rainha dos Anjos! E ela continuou assim, não se esqueça! A idade média compreendeu tudo [...] a Virgem Santís-

²⁶⁸ A expressão refere-se a um religioso da ordem monástica da trapa.

²⁶⁹ Diz-se de um religioso ou religiosa da ordem contemplativa de São Bruno.

²⁷⁰ A expressão "aimer hors de Dieu" implica uma situação de liberdade com relação à vontade de Deus. Esta conotação de exterioridade encontra eco na ideia de independência, o que poderia justificar a tradução "amar independentemente de Deus". Optamos pela manutenção da tradução mais "colada" à forma original na tentativa de recuperar a imagem proposta pelo autor.

²⁷¹ Não traduzimos a expressão latina "virgo genitrix" por razões de expressividade.

sima não teve nem triunfos, nem milagres. Seu filho não permitiu que a glória humana tocasse, nem mesmo a mais fina extremidade da sua grande asa selvagem. Ninguém viveu, sofreu e morreu tão simplesmente e numa ignorância tão profunda de sua própria dignidade, de uma dignidade que a coloca entretanto acima dos Anjos [...]. Na verdade nossa pobre espécie não vale muito, mas a infância emociona sempre suas entranhas, a ignorância das crianças a faz abaixar os olhos, olhos que conhecem o bem e o mal, olhos que viram tantas coisas! Mas tudo isso não passa de ignorância. A Virgem era a inocência [...] o olhar da Virgem é o único olhar realmente infantil, o único verdadeiro olhar de criança que um dia se ergueu sobre nossa vergonha e nossa infelicidade.

5. Conclusão

Vimos que a tradução é a ponte que une o mundo, destruindo barreiras socioculturais que poderiam afastar os homens.

Conhecer a obra permite compreender ou pelo menos interpretar o funcionamento dos signos no interior do sistema que a constitui. Como o signo, o texto a ser traduzido representa um valor cujo sentido é definido a partir da articulação extrínseca com outros signos, no meio dos quais ele se encontra inserido. Deste modo, a tradução deve ser vista não como um produto, mas como um processo comunicativo.

Para tanto, não é suficiente que o tradutor detenha-se no nível morfológico, semântico, lexical ou estilístico para efetuar suas escolhas, dentro do processo tradutório, é igualmente necessário que ele leve em conta a dimensão pragmática do contexto que define o texto de partida para poder produzir sentidos análogos no texto de chegada.

A tradução envolve o movimento material de textos nas linhas do tempo-espaco e sempre que esses textos se deslocam entre línguas-culturas distintas costumam mudar seus enquadres, seus mundos discursivos, cabendo ao tradutor verificar em que níveis a produção em texto em língua de tradução difere de uma mesma produção em texto em língua original.

A tradução implica, pois, um modo particular de o homem partilhar no mundo historicidades distintas.

Do ponto de vista teórico, constatamos que o movimento da tradução poética implica uma operação similar à criação poética. Para tanto, é necessário que se efetue a "desarticulação" dos elementos constituintes do texto em língua original para, imediatamente depois, programar-se a

"rearticulação" destes mesmos elementos no novo texto em texto em língua de tradução.

Tentamos, além disso, preservar a significação – por conotação – a partir da reprodução da situação verbal e do contexto nos quais ela se insere. Por este procedimento, numa outra língua e com signos diferentes, partimos à procura da composição de um texto análogo ao texto original, que estabelece com o primeiro uma relação de identidade, uma vez que buscamos preservar sua individualidade e sua liberdade poéticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROJO, Rosemary et alii. *Trabalhos de linguística aplicada*. Campinas: UNICAMP/IEL, 1988.

BALLARD, Michel. *La traduction plurielle*. Textes réunis et présentés par Michel Ballard. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1990.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1975.

BERNANOS, Georges. *Journal d'un curé de campagne*. Paris: Librairie Plon, 1936.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JACQUIN, Danielle. Le texte réfléchi. In: BALLARD, Michel. *La traduction plurielle*. Textes réunis et présentés par Michel Ballard. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1990.

PAZ, Octávio. *Traducción: literatura y literariedad*. 2. ed. Barcelona: Tusquets, 1980.

RÓNAI, Paulo. *Guia prático da tradução francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.